

## **A fonte sagrada, a fonte dos conselhos: orientação e disciplina dos caxienses (Caxias, 1945-1950)\***

*Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira* \*\*

*Jakson dos Santos Ribeiro* \*\*\*

---

**Resumo.** No Brasil, na segunda metade da década de 1940, os dirigentes do país buscavam o desenvolvimento econômico do mesmo. Em seus discursos, os representantes do Estado e os médicos higienistas mostravam-se preocupados com o corpo e com a saúde dos trabalhadores, já que corpo saudável significava maior produtividade no trabalho. Desse modo, as doenças e os vícios, sobretudo os vícios do alcoolismo, jogatina e fumo, eram combatidos por eles. Em consonância com esse discurso, na cidade de Caxias, no Maranhão, o jornal *Cruzeiro* ensinava aos caxienses como deviam se comportar para obterem um corpo saudável e os vícios que deveriam evitar.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento; Corpo saudável; Vícios; Jornal *Cruzeiro*.

### **Sacred source, the source of counsel: Orientation and discipline of people from Caxias MA Brazil, 1945-1950.**

**Abstract.** In mid-1940s Brazil, the authorities were making great efforts for the economical development of the country. State representatives and hygienist doctors were concerned with workers' body and health since body health meant higher productivity. Illnesses and vices, especially alcoholism, gambling and smoking, were attacked. The newspaper *Cruzeiro* in the town of Caxias MA taught its readers how to behave so that they could acquire a healthy body and avoid vices.

**Keywords:** Development; Healthy body; Vices; *Cruzeiro*.

---

\* Artigo recebido em 16/03/2013. Aprovado em 29/07/2013.

\*\* Doutora em História pela UnB, Brasília/DF. Professora do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Maranhão, São Luís/MA, Brasil. E-mail: [izabarboza@ig.com.br](mailto:izabarboza@ig.com.br)

\*\*\* Programa de Pós-graduação da UFMA, São Luís/MA. Professor da Universidade Estadual do Maranhão, São Luís/MA, Brasil. E-mail: [jakson.77@hotmail.com](mailto:jakson.77@hotmail.com)

## La fuente sagrada, la fuente de los consejos: Orientación y disciplina de los *caxienses* (Caxias, 1945-1950)

**Resumen.** Durante la segunda mitad de la década de 1940, los dirigentes del país buscaban el desarrollo económico del mismo. A través de sus discursos, tanto los representantes del Estado como los médicos higienistas se mostraban preocupados con el cuerpo y con la salud de los trabajadores, ya que entendían que un cuerpo sano se traduciría en una mayor productividad en el trabajo. Por lo tanto, combatían las enfermedades y vicios, como el alcoholismo, el juego y el cigarrillo. En consonancia con este discurso, en la ciudad de Caxias (Estado de Maranhão), el periódico *Cruzeiro* enseñaba a los *caxienses* cómo debían comportarse y qué vicios debían evitar para tener un cuerpo sano.

**Palabras Clave:** Desarrollo; Cuerpo sano; Vicios; Periódico *Cruzeiro*.

---

### As fábricas de Caxias, a Princesa do Sertão

Caxias, terra de Gonçalves Dias, cidade do interior do Maranhão, localizada a 354 quilômetros de São Luís, também é denominada de Princesa do Sertão. A expressão “Princesa” foi atribuída pelo Arcebispo da Bahia quando visitou a cidade, que no final do século XIX e início do século XX, vivenciava uma expressiva opulência em sua economia (COUTINHO, 2005, p. 97).

Para Eric Hobsbawm, a primeira Revolução Industrial iniciou-se na Inglaterra no final do século XVIII, precisamente em 1780 (HOBSBAWM, 2003, p. 50-52). O Brasil só envereda na constituição de uma realidade fabril ao longo do século XIX, mais significativamente no final desse século. No século XX, os períodos de crises mundiais favoreceram a industrialização em nosso país: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a queda da bolsa de Nova York (1929) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Esta guerra ocorrida durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945) acelerou o processo da industrialização brasileira. Os momentos de crises apontados acima possibilitaram que o Brasil se lançasse na produção para a substituição de importação assim como para a exportação. Porém, no governo de Eurico

Gaspar Dutra (1946-1951), tal processo retrocedeu. Dutra aliou-se aos Estados Unidos que retomaram a sua posição de país exportador. Com isso, no Brasil a exportação diminuiu significativamente enquanto que aumentou a importação de bens de consumo dos Estados Unidos, ocasionando o aumento da dívida externa. Diante disso, Dutra lançou o Plano Salte que visava salvar a economia brasileira por meio do desenvolvimento de quatro áreas: saúde, alimentação, transporte e energia.

Em Caxias, cidade interiorana do Maranhão, localizada distante dos grandes centros urbanos, as primeiras fábricas começaram a ser instaladas somente no final do século XIX. Em 1883 foi fundada a primeira indústria, a Industrial Caxiense. Esta indústria têxtil conseguiu bons rendimentos nos primeiros três anos de funcionamento (COUTINHO, 2005, p. 295-296). Além da Industrial Caxiense, em 1889 foi fundada a Manufatura Companhia União Caxiense; a Sanharó também foi fundada neste final de século. Posteriormente, outras fábricas foram instaladas na cidade, principalmente nos anos iniciais do século XX, saindo da perspectiva de produção de tecidos e promovendo uma diversidade na produção industrial.

As novas ideias que emergiam no Brasil no final do século XIX e início do século XX sobre o processo de industrialização como via para o desenvolvimento e o progresso influenciavam empreitadas para a construção em Caxias de novas fábricas, como a Companhia Industrial Agrícola, a Usina Agrícola Caxiense, uma companhia para a exploração da linha telegráfica como também uma de telefone, além de uma fábrica para a distribuição da água na cidade, a Companhia das Águas. Essas indústrias proporcionaram à cidade de Caxias uma nova realidade (PESSOA, 2009, p. 56).

No final da década de 1940, o *Cruzeiro* observa, a partir dos comentários de um representante da elite caxiense, que Caxias consegue congregiar um cenário de indústrias que impulsionam o seu desenvolvimento:

Minha cidade Sr. Menezes possui indústrias já bem adiantadas. Temos há muito tempo três fábricas de tecidos, fábricas de extração de óleos vegetais, de sabão e outras pequenas indústrias caseiras, também de grande significação. Há prosperidade neste ramo de negócio. O comércio, quer o varejista, quer o exportador, cresce a cada dia dando à cidade um aspecto de centro bastante movimentado (CRUZEIRO, n. 648, 7 abr. 1949, p. 2).

Nessa linha de industrialização que se enraíza na terra gonçalvina na década de 1940, Caxias vivencia o desenvolvimento das atividades que ganham “espíritos velozes” para alcançar o progresso. Como bem afirma Pereira,

Caxias atinge um considerável auge de desenvolvimento no final da década de 1940. No momento da abertura democrática, Caxias possuía um comércio admirável que estava em pleno desenvolvimento. O crescimento urbano e as novas construções (residências e comércios) representavam a ansiedade pela chegada do progresso (PEREIRA, 2006, p. 28).

### **O jornal católico *Cruzeiro* em Caxias: instrumento disciplinar**

A Igreja Católica logo percebeu o valor que a imprensa poderia ter no cotidiano das pessoas. Ao longo das primeiras décadas do século XX, as práticas de uma escrita na perspectiva de divulgar ideias como normas de condutas e a preservação da moral para a sociedade se tornaram mais frequentes em todo o Brasil a partir da criação de periódicos religiosos. Nesse sentido, o uso de impressos de cunho jornalístico teve, na percepção da Igreja Católica, uma boa utilidade para divulgar o cotidiano da cidade, as formas de pensar de uma elite, como muitos outros aspectos da vida social das pessoas. Essa foi uma prática que emergia com força no Brasil oitocentista, mas que só veio a intensificar-se no século XX.

Na primeira metade do século XX, a Igreja Católica tornou-se tributária do uso dessas práticas como uma forma de modernizar-se e fazer com que o discurso religioso pudesse tornar-se presente para além das arquiteturas das igrejas. As criações de periódicos religiosos tornaram-se um aspecto facilitador para que também os ensinamentos bíblicos fossem

assimilados, visando, entre muitas coisas, impor normas aos sujeitos, conforme os preceitos da Igreja Apostólica Romana (RIBAS, 2009).

Ao lançarmos o nosso olhar para a história da Igreja Católica no Brasil, percebemos que a prática de se criar uma imprensa cristã foi adotada em vários lugares em que a Igreja almejava caminhar para além dos espaços religiosos da casa cristã (CAES, 1995, p. 31). A criação de folhetins informativos e jornais de cunho religioso foi uma forma encontrada em muitas partes do Brasil pela Igreja Católica para entrar na linha de uma prática “publicitária” e não ficar alheia ao cotidiano das pessoas nos mais diversos aspectos da vida: político, econômico, social e cultural.

Na cidade de Caxias, pela ação dos eclesiásticos caxienses, houve a iniciativa de se criar um jornal de cunho religioso, alicerçado de princípios orientadores para o espaço social em que eles estavam inseridos. Assim, nasce o *Semanário Católico Cruzeiro* imbuído destes propósitos (AZZI, 2008, p. 445). O *Cruzeiro* foi um periódico que circulou em Caxias no século XX. A sua data de fundação é algo que, dentro dos registros realizados, não conseguem ser direcionados para uma data fixa. Segundo Coutinho, o “início do jornal na cidade de Caxias foi 1931” (2005, p. 314), porém, encontramos registros apontando para os anos de 1932 e 1933. Apesar dessas incertezas, muitos pesquisadores que já lançaram os seus olhos para o jornal *Cruzeiro* consideram o ano de 1931 como sendo a data mais provável para o início da circulação do periódico.

O jornal pertencia ao grupo de religiosos católicos de Caxias na época. Os seus primeiros diretores foram os paroquianos Vicente Celestino<sup>1</sup> e Leôncio Magno<sup>2</sup>, como também os clérigos Joaquim de Jesus Dourado e Padre Gilberto

---

<sup>1</sup> A única informação que encontramos sobre Vicente Celestino é que ele foi um paroquiano que ajudou na constituição do jornal *Cruzeiro*.

<sup>2</sup> “Leôncio Magno d’Oliveira, o Prof. Leôncio, um cearense de Fortaleza, que tinha seus 40 a 45 anos quando chegou a Caxias, solteirão, de modos simples, tão moderado que mais parecia um Padre sem hábito, que da família só falava da irmã que residia em Fortaleza, Ceará, o que indicava ser única” (ANTUNES, 2001, p. 116-117).

Barbosa.<sup>3</sup> O Padre Arias Cruz foi um dos maiores representantes do jornal *Cruzeiro*. O maranhense de Caxias, Arias Benedito de Almeida Cruz, mais conhecido como Monsenhor Arias Cruz, nasceu em 1893, pertencia a uma família maranhense considerada eminente em sua época. Além de exercer o sacerdócio, Monsenhor Arias Cruz foi professor, jornalista, historiador, escritor e fez parte do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (COUTINHO, 2002, p. 68).

Não podemos perder de vista que os dirigentes e redatores do jornal *Cruzeiro* mantinham relações estreitas com diversos seguimentos da sociedade, dos quais destacamos representantes da Igreja, do Estado e da burguesia. As pessoas pertencentes ao grupo de redatores do jornal *Cruzeiro* faziam parte, em sua maioria, da elite caxiense da época, e a outra parte de “filhos da Igreja”, como eram denominados os padres, com autoridade religiosa para falar em um meio impresso de cunho informativo.

O periódico emergiu no cenário caxiense como uma imprensa que teria grande influência na sociedade, pois o principal jornal da cidade, o *Jornal do Commercio*, que era dirigido pela família Teixeira, deixara de circular na cidade havia 30 anos (ANTUNES, 2001, p. 109). O *Cruzeiro* “era um dos únicos periódicos com publicação quinzenal, sempre aos sábados, raras vezes nas quintas-feiras e nas segundas-feiras” (SILVA, 2009, p. 32-33). O jornal tinha como público-alvo a alta sociedade, a classe média e as camadas populares, sobretudo os operários.

É preciso de antemão nos apropriar das premissas de que o jornal *Cruzeiro* foi constituído conforme preceitos de sua temporalidade, como forma de manifestar seus desejos e percepções de acordo com o seu lugar social. Faz parte do ofício do historiador perceber que o jornal *Cruzeiro* pertencente a uma

---

<sup>3</sup> Foi o patrono e fundador do jornal *Cruzeiro*. Até o dado momento da pesquisa, não conseguimos mais informações a seu respeito (ANTUNES, 2001, p. 109).

época, por isso não podemos analisá-lo como uma fonte que possui um discurso destituído de interesses para o seu contexto (LE GOFF, 1924, p. 535-536). Mas devemos considerar que, se, de um lado, os textos do periódico não eram escritos por seus redatores e articuladores sem nenhum interesse, por outro, não podemos afirmar que eles conseguiam moldar a sociedade de acordo com as suas ideias, levando as pessoas a agirem tal como desejavam (GALVES, 2004, p. 71).

Um dado interessante que engendra na perspectiva do periódico religioso é o lugar social dos seus produtores, como também dos próprios discursos que eram produzidos e apresentados pelo jornal *Cruzeiro*, os quais são carregados de valores e desejos desse lugar de onde o discurso é produzido. Consoante a esta questão, é perceptível que os produtores de discursos do jornal *Cruzeiro* ao realizarem a composição da folha informativa estruturavam a mesma com modos de ser e proceder, ou seja, os discursos que falavam do trabalho e das questões ligadas a ele, como a saúde, a alimentação e os vícios, proliferavam no seio social caxiense como estruturas de intenções que buscavam imprimir uma ordem, desejos e formas de ser e viver.

Os discursos do *Cruzeiro*, seguindo as premissas de Certeau (1982, p. 14), não seriam apenas textos que flutuariam em meio ao seu contexto, traziam na sua intenção uma prerrogativa maior, estabelecer normas à sociedade conforme os preceitos dos setores dominantes no período. Lembremos que no século XX, no Brasil, os jornais religiosos vinculados à Igreja Católica exerciam grande influência nas cidades pequenas, principalmente sobre as pessoas católicas pertencentes às camadas populares (AZZI, 2008, p. 448).

O periódico religioso emerge como jornal na cidade de Caxias no início do primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945) e já nasce se enquadrando com as ideias regentes ao poder temporal. Sob as luzes do denominado Estado Novo (1937-1945), os jornais e a imprensa como um todo eram organizados e

controlados com o intuito de manter a ordem e a denominada boa conduta das pessoas no país. Nesse sentido, qualquer impresso que circulasse no Brasil deveria estar de acordo com as premissas defendidas pelos órgãos do governo em todos os espaços geográfico, pois tais lugares eram vigiados pelos seus interventores.

Tencionando defender os interesses do Estado como também os seus, o periódico religioso *Cruzeiro* procurava aproveitar todas as possibilidades para que sua circulação não fosse interrompida. Uma das estratégias utilizadas pelos clérigos foi a atuação no jornal de pessoas pertencentes à elite caxiense. Os articulistas do jornal *Cruzeiro* possibilitavam aos colaboradores da elite local a oportunidade de apresentar também seus pareceres sobre os acontecimentos citadinos. Este é caso de Gentil Meneses e Acrízio Cruz,<sup>4</sup> que escreviam sempre sobre assuntos diversos, porém tendo como parâmetro os preceitos defendidos pelo jornal como também pela Igreja Católica. O intelectual Gentil Meneses era um dos redatores do *Cruzeiro* que representavam os interesses da elite caxiense.<sup>5</sup>

Ao realizar a articulação das formas de pensar da elite caxiense com as bases do pensamento cristão de “ordem e fé” tanto exaltadas na época, o jornal demonstra um verdadeiro jogo de interesses constituídos em forma de discurso entre a Igreja Católica e a elite local. Aliás, acompanhando o processo de modernização que estava ocorrendo no país, particularmente nas cidades, após 1945, a Igreja Católica deixou de fazer alianças com os grandes proprietários de terras, passando a estabelecer alianças com a burguesia e a classe média

---

<sup>4</sup> Os únicos dados que conseguimos sobre ele é que pertenceu à elite caxiense, à família Cruz.

<sup>5</sup> “Gentil Alves de Meneses nasceu em Caxias-Maranhão, a sete de outubro de 1915, filho do casal José Gomes Meneses. Formou-se em Ciências Contábeis pelo Caixeiral, em São Luís. A sua condição de intelectual lhe abriu as portas para onde quis entrar. Por seus trabalhos literários e jornalísticos, foi escolhido membro da Academia Caxiense de Letras, ocupando a cadeira Medeiros e Albuquerque. É também membro do sindicato dos Jornalistas de São Luís. Como jornalista, ou mesmo como colaborador, escreveu há mais de meio século, para quase todos os jornais de Caxias, o *Pioneiro*, *Voz do Povo*, *Jornal do Comercio*, entre outros. De fino trato social, foi diretor do Clube Recreativo Caxiense (Casino) por várias vezes, além de ser um de seus proprietários” (COUTINHO, 2002, p. 150-151).

(MAINWARING, 2004, p. 52). O corpo de redatores do *Cruzeiro* foi constituído por pessoas que faziam parte da elite caxiense e que comungavam com o conjunto de valores defendidos pela Igreja Católica. Porém, muitos dos valores cultivados no baricentro social dessa elite também eram percebidos nos discursos do jornal (REIS, 2009, p. 25).

O discurso do *Cruzeiro* tenciona disciplinar a sociedade caxiense. Ao mesmo tempo em que informa sobre os acontecimentos religiosos, ou outros assuntos, o periódico religioso busca disciplinar os sujeitos, exercer o poder de dizer o que é “correto”. O *Cruzeiro* se institui com tal discurso pelo fato de que suas bases estão amparadas pelos ensinamentos bíblicos para fazer com que a sociedade caxiense possa agir no seu cotidiano conforme as bases religiosas. O *Cruzeiro* constrói um campo de atuação, e parte dele para sedimentar na sociedade uma ação de regularização da mesma e disciplinarização dos sujeitos em suas práticas cotidianas. O periódico religioso atua como um *corpus* de verdade e tenciona controlar o trânsito de ideias para a conservação da ordem social. Fato interessante: o *Cruzeiro* sempre esteve aliado ao poder temporal. Exaltou e apoiou claramente tanto Vargas como Dutra. Defendeu ferrenhamente em suas páginas a política de desenvolvimento econômico adotada pelos dois presidentes brasileiros.

### **As práticas discursivas do *Cruzeiro* em relação ao corpo na cidade industrial**

No Brasil, o início do século XX marca com intensidade o culto ao corpo. O cuidado com o corpo não estava relacionado apenas à questão da beleza corporal, a sociedade e os discursos médicos, principalmente, percebiam outras funcionalidades na utilização desse corpo no cotidiano das cidades. A função social do corpo perpassava a lógica da beleza; o corpo era visto como um mecanismo de produtividade, que, por sua vez, garantia o crescimento e o

desenvolvimento econômico do país, principalmente com o crescimento da industrialização a partir da década de 1930. De acordo com Maria Izilda Matos, “nesse quadro de intensas mudanças, a medicina se institucionalizou, reorganizou seus estudos, técnicas e funcionamento, polemizando novas maneiras de se ver os corpos, suas formas, funcionamento e cuidados” (MATOS, 2005, p. 32). O endeuamento para com o corpo sai da questão estética como foco central e cria a noção de corpo bonito e saudável, mas relacionado ao seu bom desempenho no desenvolvimento das atividades laborais e, como isso, poderia render para o crescimento do país.

Neste sentido, em Caxias, na segunda metade da década de 1940, os discursos do jornal *Cruzeiro*, em relação ao corpo e à saúde, são imbricados de “não ditos”, e quando confeccionados são pensados pelos seus bordadores com todos os pontos para que o texto tivesse sua função mais específica.

Os discursos do *Cruzeiro* eram ecoados na perspectiva de fazer com que o leitor caxiense pudesse absolver e colocar em prática no seu cotidiano os ensinamentos propostos por ele em relação aos cuidados para com o corpo, pois corpo saudável era sinal de produtividade, um elemento imprescindível ao desenvolvimento que se almejava no Brasil e em Caxias, na segunda metade da década de 1940.

Ao pensar no leitor do periódico religioso, podemos trazer as considerações de Roger Chartier sobre a relação do leitor com o impresso. Para ele, o texto “é sempre pensado pelo autor, pelo comentador e editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada” (CHARTIER, 2002, p. 123). Os discursos do *Cruzeiro* não são pensados sem uma lógica e um sentido, eles sempre estão carregados de informações que podem ser úteis para a construção e afirmação dos ideais dos setores dominantes da sociedade caxiense.

Na concepção do periódico, o corpo deveria ser dotado de toda saúde, de todos os elementos que contribuíssem para a construção da ordem e do bem-estar da nação. Por isso, o jornal vai defender que os caxienses tenham no seu dia a dia uma boa alimentação, que não procurem práticas que possam prejudicar sua mente e principalmente seu corpo.

O *Cruzeiro* mantinha uma preocupação com o corpo e com as formas pelas quais os caxienses podiam estar sendo desfavorecidos com a falta de ensinamento no seu cotidiano. Em muitas edições do jornal, em que nos debruçamos para a construção e desenvolvimento dessa pesquisa, há sempre uma nota intitulada *Preceito do Dia*. Nessa nota informativa, o periódico lança sempre conselhos que os cidadãos caxienses possam utilizar no seu cotidiano para se prevenir de muitos males. Essa nota tão “valiosa”, conforme menciona o jornal, traz sempre uma orientação de grande relevância para a vida dos caxienses. A respeito da gripe, em uma edição de 1947, observa o *Cruzeiro*:

#### **Preceito do dia**

##### ***O aperto de mão e a gripe***

Vindas das fossas nasais, da garganta e da boca de doentes e convalescentes, as gotículas de secreções que contêm o germe da gripe podem poluir as mãos dos que com aquelas têm contacto. Pelo “aperto de mão”, outras mãos serão poluídas e, em consequência, outras pessoas podem ser contaminadas.

Livre-se de contrair a gripe abolindo as mãos, freqüentemente, com água e sabão (CRUZEIRO, n. 595, 9 jun. 1947, capa).

O discurso do *Cruzeiro* se envolve de muitos preceitos científicos para dentro de uma ótica fundamentada argumentar diante de seus leitores. O jornal aconselha os caxienses em relação aos cuidados que deveriam tomar em benefício da sua saúde.

No final do século XIX emergia no Brasil um movimento que se propunha a cuidar da população, disciplinando e, por sua vez, educando os indivíduos com novos hábitos, o que se convencionou a denominar de movimento higienista. Como ressalta Oliveira, esse movimento intensificou-se

no início do século XX no Rio de Janeiro, na época capital do país. O médico sanitarista carioca Oswaldo Cruz (1872-1917) liderou este movimento de luta da saúde contra as doenças que devastavam o Brasil. “O corpo, o sexo e as relações afetivas foram alvos de cuidados médicos através de normas que regulavam o comportamento de homens, mulheres e crianças”. Na década de 1920, surgiram diversas associações, apresentando projetos modernizadores que, contando com a participação do higienismo e do sanitarismo, tencionavam construir um lugar de higiene, de ordem e progresso, “demonstrando uma capacidade logística e ao mesmo tempo científica” para erradicar as doenças que assolavam a sociedade e diminuam a quantidade de mão de obra, de mercadorias e, por sua vez, de capital, o que afetava a imagem do país, mostrado por discursos estrangeiros como sendo atrasado (OLIVEIRA, 2003, p. 18).

Na década de 1930, de acordo com Edivaldo Góis Junior, tencionando melhorar as condições sociais da população brasileira, já que isto seria fundamental para que o país pudesse se modernizar, intelectuais brasileiros passaram a exigir uma intervenção do governo. Tal debate interessou médicos que atuavam na área da higiene. Os médicos higienistas, com toda a autoridade de especialistas, receitavam novos hábitos para todas as atividades que pudessem influenciar na saúde das pessoas, dentre elas trabalho, asseio corporal e moralidade. Era preciso curar o país das doenças que levavam ao seu atraso. Os discursos dos médicos higienistas influenciavam intelectuais renomados como Monteiro Lobato (1882-1948) (GÓIS JUNIOR, 2003, p. 26).

O cuidado higiênico com o corpo consagrava a constituição e formalização da ação higienista que foi iniciada no Brasil no século XIX para a medicalização da mente dos cidadãos. Segundo Costa, por meio da higiene, os médicos tinham a urgente tarefa de fazer com que as pessoas se subordinassem

aos objetivos do governo. Através da higiene, os médicos buscavam a “reconversão das famílias ao Estado” (COSTA, 1989, p. 30).

A preocupação com o corpo traz à tona o discurso higienista que perdurava nas explicações do *Cruzeiro* em relação ao cotidiano das pessoas. O discurso do periódico se encaixa em uma perspectiva moralizante e disciplinadora diante da sociedade caxiense na segunda metade da década de 1940. O semanário católico, nessa perspectiva, alinha-se também aos preceitos do governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), o qual apresentava um ideal de cidadão que deveria coexistir na sociedade caxiense, como também em outras partes do Brasil.

O poder de legitimar os discursos como verdade proporcionava ao periódico e à sua mais gabaritada direção fazer com que o que era noticiado tivesse sua validade no bojo social. O *Cruzeiro*, como sendo um órgão de cunho católico, buscava fixar na mente das pessoas que era um jornal que não omitia a verdade e tratava os fatos com muita dedicação e respeito, por isso, despertava a admiração de algumas pessoas pelo trabalho informativo desenvolvido por seus idealizadores e redatores. Como bem demonstra a opinião de uma leitora do *Cruzeiro* na época, mostrada em uma edição de 1946, o jornal era muito bem recebido por uma significativa parcela da sociedade caxiense:

Recebi pelo Correio um exemplar do nosso mui querido jornal “Cruzeiro”, dentro de uma manhã de luz e até mesmo ameaçadoras de vivas esperanças. [...] Os ponteiros do relógio marcavam as horas, enquanto em meu espírito surgiam impetuosamente várias conclusões do que poderia me trazer o pequeno jornal de minha cidade interiorana, “Caxias”. Finalmente, alcancei o momento desejado; abri o belo órgão de notícias semanárias, e quantas mensagens envolvidas encontrei, pairando sobre a figura do Intelectual, cantor dos mais belos Sentimentos (CRUZEIRO, n. XXII, 24 jun. 1946, p. 1).

A leitora diz ser uma admiradora dessa “arte de transmitir” que o *Cruzeiro* tinha para com a sociedade caxiense. Este é um demonstrativo de que o noticioso tinha o respeito da sociedade de Caxias na época. E o jornal era cercado

por vantagens, pois era o único meio informativo da cidade. Nessa perspectiva, o *Cruzeiro* tira vantagens desse *status* de único jornal fazendo jorrar em suas páginas seu poder e desejos. Segundo Silva, em Caxias, a ligação do jornal com as ideias do governo fez com que o periódico monopolizasse a produção da informação divulgada na cidade, facilitando assim a sua tentativa de disciplinar os sujeitos conforme seus preceitos ideológicos (SILVA, 2009, p. 25).

No Brasil, o início do século XX é marcado por um cuidado exacerbado acerca do corpo. Os discursos médicos e religiosos, como também propagandas e revistas que existiam na época, traziam sempre um informativo procurando enfatizar como as pessoas deveriam se comportar e o que deveriam comer, além de estabelecer modelos que pudessem ser aceitos pelos preceitos da Igreja Católica.

A emergência do *Cruzeiro* no cenário caxiense, na terceira década do século XX, coaduna com as ideias higienistas que, por sua vez, estavam presentes nos discursos de uma elite que buscava preservar uma sociedade de pessoas com corpos saudáveis. Segundo Costa, no Brasil, a partir da terceira década do século passado, a família começou a ser mais incisivamente definida como incapaz de proteger a vida de crianças e adultos. Valendo-se dos altos índices de mortalidade infantil e das precárias condições de saúde dos adultos, a higiene conseguiu impor à família uma educação física, moral, intelectual e sexual, inspirada nos preceitos sanitários da época (COSTA, 1989, p. 63).

Em suas páginas, com a nota *Preceito do Dia*, o *Cruzeiro* trazia ideias de como cuidar do corpo como uma forma encontrada por ele para educar os caxienses para que não viessem sofrer os males da vida cotidiana, pois, como a cidade estava se modernizando, males dessa nova conjuntura social poderiam afetar a saúde dos cidadãos caxienses, os trabalhadores das fábricas, em especial, que deveriam cuidar do seu corpo, já que uma sociedade doente não poderia existir se o seu alicerce estivesse doente.

No discurso do *Cruzeiro*, é perceptível que as ideias floresciam na perspectiva de tirar as pessoas de um estado em que a saúde acarretava um sério problema para os governos e ao mesmo tempo enfeava a própria cidade de Caxias com doentes. Assim, dos olhos a quaisquer outras partes do corpo humano, o jornal trazia um conselho para que os caxienses ficassem atentos, pois qualquer enfermidade poderia prejudicar o seu bem-estar. Nesse sentido, em um preceito do dia, numa edição de 1947, o periódico religioso traz uma nota sobre os olhos e os cuidados que as pessoas deveriam ter para com essa parte tão sensível do corpo humano:

#### **Para a saúde dos olhos**

É conveniente lavar os olhos depois do passeio ao ar livre, sobretudo se estiver ventando. Para isso molha-se uma mecha de algodão em água fresca e limpa-se os olhos cuidadosamente. A seguir é útil aplicar sobre eles compressas, úmidas, usando também algodão molhado e água fresca.

São também aconselháveis as lavagens dos olhos com água e sumo de limão.

De excelentes resultados é a massagem dos olhos, que se faz apoiando a polpa dos dedos sobre as pálpebras e imprimindo-lhes suave movimento rotatório sem exercer muita pressão.

Esta massagem contribui muito não só para beleza dos olhos, mas igualmente para sua saúde (CRUZEIRO, n. 594, 31 maio. 1947, p. 3).

O corpo, nesse processo de modernização das cidades brasileiras, torna-se um terreno de preocupação e de cuidados, pois era o corpo saudável que garantia o bom desenvolvimento do país. Segundo o periódico religioso, os olhos, por serem partes sensíveis, deveriam ser tratados com muito zelo, pois orientavam as pessoas, como também a própria nação e os rumos da cidade.

No Brasil, a preocupação com o corpo aumenta principalmente com a industrialização que se intensifica a partir da década de 1930. Nessa época, as cidades estavam ganhando aspectos mais urbanos. Seguindo a ótica do discurso higienista, era necessário cuidar não só da saúde das pessoas, mas também da própria estrutura da sociedade de maneira mais ampla, proporcionando melhores condições de vida para essa cidade.

Nessa linha, o *Cruzeiro* alerta contra as doenças que poderiam afetar a saúde dos cidadãos caxienses. Em uma edição de 1947, o jornal alerta sobre a gripe. O semanário afirma que quanto mais rápido o cidadão caxiense cuidar, mais facilmente poderá livrar-se desse mal. O jornal adverte que as pessoas deveriam manter-se atentas aos primeiros sintomas, indo imediatamente ao médico para que o mesmo as medicasse, curando o mal que permeava o seu corpo.

O cuidado com o corpo não se limitava apenas aos denominados “bons de saúde”, mas também aos doentes mentais, pois esta era uma forma de manter a sociedade, ou melhor, as ruas das cidades, sem estes que, porventura, nasceram com problemas mentais. De acordo com o *Cruzeiro*,

#### **Como outro qualquer**

O doente mental não é um ser que definitivamente “adquiriu” ou “perdeu” alguma coisa. Como os doentes do fígado, dos rins ou do coração, ele precisa de tratamento adequado para a cura completa de seus males.

Encaminhe os doentes mentais aos especialistas, para que não lhes falte assistência médica de que precisar (CRUZEIRO, n. 609, 12 jul. 1947, p. 1).

O discurso católico do *Cruzeiro* busca preservar uma sociedade de “pessoas perfeitas”, salientando que, sanando esses problemas, evitar-se-ia incômodos às outras pessoas. A sociedade formada por um grupo de indivíduos sadios seria capaz de constituir uma realidade social sem problemas.

O jornal aconselhava que as pessoas ficassem atentas aos riscos que poderiam correr no seu cotidiano, principalmente na hora do trabalho. O *Cruzeiro* apontava que os caxienses deveriam adotar as medidas preventivas apresentadas em suas páginas para que pudessem viver em “harmonia”.

O semanário católico constrói um perfil disciplinador de como os caxienses deviam permanecer, agir e pensar diante das situações do cotidiano. Com a ideia de se ter corpos sadios, os sujeitos são disciplinados para que se tenha um denominado grupo social conforme os preceitos de um lugar macro, o país.

A ideia de manter uma sociedade assistida por um aparato de orientações necessárias fazia com que o periódico se tornasse uma fonte relevante sobre os cuidados com a alimentação dos caxienses. Nessa linha de cuidados que o *Cruzeiro* vai mostrando ao longo de suas páginas, há dicas de como os cidadãos caxienses deveriam se alimentar, qual a forma adequada para que tivessem uma boa saúde e pudessem exercer as suas atividades no seu local de trabalho de forma exemplar. É bom lembrar que o desenvolvimento econômico que se buscava no país no período pós Segunda Guerra Mundial só seria possível se os trabalhadores estivessem saudáveis e fortes para suportar as intensas jornadas de trabalho advindas com a revolução industrial (RENNÓ, 2009, p. 14).

Numa edição de 1946, em o Preceito do Dia, o discurso do *Cruzeiro* está imbricado de poderes disciplinadores, procurando regularizar as pessoas diante mesmo da alimentação consumida. O semanário católico informa que as pessoas devem comer carne, feijão, arroz, farinha e pão, porque esses alimentos fornecem ao corpo substâncias necessárias à constituição de vários tecidos. Porém, faz ressalva para que não se cometa excesso, pois isto poderá ocasionar danos à saúde. O jornal busca também mudar os hábitos alimentares dos caxienses, mostrando que os alimentos mencionados não bastam, sendo necessária a introdução de verduras e legumes em suas refeições:

### **Os prejuízos da má alimentação**

Há uma grande ignorância da parte de nosso povo sobre a alimentação, sendo isto uma das causas que mais concorrem para o estado de fraqueza física e consequência de muitas doenças no organismo vital de maioria dos brasileiros.

Em geral, o nosso povo não sabe se alimentar. Julga que alimenta bem o estômago... ficando empanturrado como se diz na gíria popular. É engano. A boa alimentação está baseada mais na qualidade do que na quantidade.

Uma alimentação constituída unicamente de carne, feijão, farinha e arroz, priva o organismo das vitaminas e dos sais minerais que lhe são imprescindíveis, os quais se encontram nas verduras.

Entre nós, com algumas exceções, as verduras são quase aliadas da alimentação do nosso povo e raramente aparecem nas refeições, por que as julgam de pouca eficiência na alimentação.

As carnes e outros alimentos de origem animal, assim como o pão, não bastam para manter o organismo bem nutrido. Por isso, há necessidade de se utilizar da alimentação vegetal racionalmente combinada (CRUZEIRO, n. 536, 19 jan. 1946, p. 3).

Nesse mesmo texto, o *Cruzeiro* frisa que a modificação dos hábitos alimentares é uma forma de adequar-se às condições climáticas do país, como também às particularidades de cada região. Pois, quando bem alimentado, o corpo consegue responder com mais qualidade nas atividades do dia a dia, como também trazer menos problemas para os postos de atendimento.

Outro aspecto mencionado pelo jornal é o fato de as pessoas pensarem que apenas na carne, arroz, feijão, pão e farinha estariam os nutrientes necessários para o organismo. Na concepção do *Cruzeiro*, este é um pensamento extremamente equivocado. Ele defende que “espinafre, acelgas, tomates, cebolas, feijões, são pratos que têm efeito no complemento, no arranjo da nutrição” (CRUZEIRO, n. 536, 19 jan. 1946, p. 3).

Para o jornal, as pessoas deveriam perceber que os vegetais também são ricos em nutrientes para auxiliar no seu dia a dia de muito trabalho. Assim, o periódico religioso aponta que é necessário “modificar o sistema de nossa alimentação excessivamente carnívora e muito pesada para o nosso clima.” (CRUZEIRO, n. 536, 19 jan. 1946, p. 3).

No discurso do semanário católico, o corpo é definido a partir da própria visão que o noticioso define como um corpo operante, ou seja, de acordo com os padrões de corpos sadios prontos para as tarefas cotidianas das pessoas, definindo uma norma a ser seguida por elas.

Dessa forma, em uma edição de 1947, o *Cruzeiro* afirma que um bom banho poderia trazer para as pessoas da cidade um excelente desempenho nas suas atividades do dia a dia:

### **Preceito do Dia**

#### **Tão necessário quanto o café da manhã**

O banho frio, de chuveiro, representa excelente exercício para a pele. Ativa a circulação do sangue e proporciona agradável sensação de bem estar, principalmente se for precedida de ginástica e seguindo de fricção com toalha grossa e felpuda (CRUZEIRO, n. 597, 21 jun. 1947, p. 3).

Nesse preceito, o jornal deixa evidente como um corpo bem cuidado poderia resultar em bom desempenho nas atividades em que as pessoas fossem desenvolver. Assim, era necessário, segundo o *Cruzeiro*, que todas as partes do corpo dos sujeitos fossem sadias, pois, conservando o seu corpo sadio, eles estariam preparados para as exigências da sociedade burguesa e industrial.

Seguindo essa máxima, o jornal valoriza a sua participação como meio informativo dentro da sociedade caxiense e ratifica um desejo disciplinador de seus integrantes. Em sua exacerbada preocupação com o corpo, mostra-se bastante aderente às prerrogativas dos discursos higienistas, difundidos no Brasil desde fins do século XIX e início do século XX. No que se refere à base religiosa, o jornal é bem enfático em seu discurso moralizante, mostrando que para suprir as necessidades da alma é necessário que os caxienses tenham em suas vidas os ensinamentos religiosos como uma forma de se mostrarem adeptos e respeitadores dos princípios da Igreja Católica.

As práticas discursivas do *Cruzeiro* eram uma forma de criar modelos católicos que se enquadrassem aos preceitos de uma instituição de poder na sua temporalidade. Com suas práticas discursivas, o periódico religioso ratificava o seu caráter intervencionista e disciplinador em uma sociedade, direcionando os seus discursos para a consagração de modelos e finalidades. Foucault ressalta que isso funciona como uma

técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder; são 'métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade' é o diagrama de um poder que não atua do exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e à manutenção da sociedade industrial,

capitalista. [...] o corpo só se torna força de trabalho quando trabalhado pelo sistema político de dominação característico do poder disciplinar (FOUCAULT, 2012, p. 21).

E o que acontecia aos modelos indisciplinados, aos homens que se entregavam aos vícios do álcool, jogo e fumo?

### **Livra-nos de todos os males: a boa imprensa cristã contra o alcoolismo, a jogatina e o fumo na cidade de Caxias**

O alcoolismo em todas as suas ramificações foi o que corrompeu a Europa. Ameaça solapar as Américas, se já não arruinou.

A verdadeira Quinta Coluna, em todas as nações, são os vícios do povo, da alta e baixa sociedade.

O álcool e o jogo são os mais perniciosos por que aniquilam os indivíduos e todas as proles de aleijados, epiléticos e loucos.

Na exposição berlinense de 1935, constatou-se que na Áustria havia nunca menos de 300.000 crianças nasciam contaminadas. Entre 100 tuberculosos, 80 são vítimas do alcoolismo (CRUZEIRO, n. 662, 27 ago. 1949, p. 3).

Como vimos acima, na segunda metade da década de 1940, o jornal *Cruzeiro* alerta sobre os efeitos do álcool e do jogo sobre as pessoas, mostrando esses vícios como grandes males sociais, que teriam arruinado a Europa e estariam arruinando também a América. Tal discurso reflete bem como o alcoolismo e a jogatina estavam presentes na vida dos caxienses, principalmente dos homens, sendo vistos com muita preocupação pelo jornal. Dessa forma, o periódico religioso não poupará esforços em combater esses males na sociedade como um todo, e particularmente na cidade de Caxias.

Como temas bastante discutidos no Brasil, o alcoolismo e o jogo tornaram-se alvos do Estado, da burguesia e da Igreja Católica, pois fica evidente nos discursos dos defensores dos interesses desses seguimentos que os sujeitos possuidores dessas práticas causavam um desequilíbrio social e a quebra da ordem tanto exaltada para que o progresso e o desenvolvimento ocorressem no país.

Pelas instituições dominantes conceberem o alcoolismo e a jogatina como práticas que ocasionavam tensão na estabilidade social, foram criadas na época campanhas intervencionistas para que os homens, os principais alvos dessas campanhas, se conscientizassem de que os efeitos do consumo do álcool e da prática da jogatina poderiam trazer sérios problemas para suas vidas.

A imprensa religiosa no Brasil foi um dos meios de veiculação de discursos que condenavam as práticas de ingestão de bebidas alcoólicas, como também o investimento dos homens em jogos.

Quanto ao alcoolismo, no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, pelo desenvolvimento científico da medicina, o saber médico tornou-se um elemento essencial no combate contra esse mal, pois o discurso médico era acalentado pela própria ideia que se tinha sobre o profissional da área da medicina, ou seja, se era o médico que estava falando, na lógica, “era uma verdade”. Desse modo, o profissional da medicina assumiu a tarefa de aconselhar as pessoas ensinando a elas as regras fundamentais que deviam respeitar em prol de sua saúde e da saúde dos demais. Como lembra Ana Lúcia Gonçalves Rosa,

O discurso médico constitui importante referência na luta antialcoólica, já que era um dos saberes científicos em ascensão naquele começo de século. Nas primeiras décadas do século XX, o saber médico passa a ocupar uma posição de destaque na sociedade. A influência do poder médico é intensa e preponderante em toda a sociedade e associado a outros saberes, o discurso médico penetra em diferentes instâncias de poder. Com o desenvolvimento científico da medicina, o médico assume o lugar de conselheiro, cabendo a ele ensinar aos indivíduos as regras fundamentais de higiene que estes devem respeitar em benefício de sua própria saúde e da saúde dos outros (ROSA, 2003, p. 31).

Conforme Matos, os discursos médicos, atrelados aos interesses do Estado, enumeravam as terríveis consequências do álcool para os homens, à família deles e à sociedade como um todo:

O uso de álcool apagava a inteligência no homem, acentuava a mudança do caráter, provocando uma excitação fugaz, seguida de abatimento nervoso,

impulsões violentas, apatia considerável, cólera intensa, principalmente nas discussões, termina abandonando os seus. O alcoólatra perdia toda a energia, noção de honra e de conduta pública, do afeto pela família e amigos, das obrigações para a sociedade, podendo caminhar para a obsessão, para o impulso criminoso, além dos males que deixava para a prole, degenerando a raça (MATOS, 2001, p. 60).

No combate dos médicos higienistas ao alcoolismo, a cachaça, particularmente consumida pelos homens pobres trabalhadores, era a mais visada. Segundo Rosa,

O consumo de bebidas alcoólicas foi um dos hábitos sociais que sofreu forte intervenção médica, estando, portanto, as lutas antialcoólicas inseridas nesse contexto. O consumo de álcool era descrito pelos médicos como constituindo uma das ameaças não só à saúde, como também ao desenvolvimento e higiene da população, e, conseqüentemente, da cidade, o que levou à criação de medidas de intervenção social, visando coibir o consumo das bebidas. Entretanto, tais medidas eram mais direcionadas ao consumo da cachaça, sendo os homens de classes sociais economicamente inferiores, e principalmente sem trabalho fixo, os que mais sofriam a repressão ao alcoolismo (ROSA, 2003, p. 17).

Como higienistas e sanitaristas, os médicos brasileiros combateram o alcoolismo com várias campanhas. Segundo Matos,

Os discursos da campanha eram unânimes ao afirmar que o alcoolismo atingia majoritariamente os elementos oriundos de camadas populares, denunciando toda uma relação entre o trabalhador urbano (fabril ou não) e a miséria social. As condições de trabalho, habitação e saúde eram apresentadas como fatores catalisadores do problema (MATOS, 2001, p. 41).

O álcool, segundo o discurso médico, provocava um distúrbio, uma alteração no comportamento do indivíduo, atingindo o seu sistema nervoso, deixando-o à mercê da desrazão sobre o seu próprio corpo e dos atos que viesse a cometer após o consumo da bebida. Como salienta Rosa, os médicos buscavam mostrar que os alcoólatras ofereciam sérios riscos à sociedade. A cachaça, em particular, ameaçava a saúde física como também mental e moral dos indivíduos. Os consumidores da bebida não somente poderiam adoecer como também tornar-se-iam violentos, cometendo crimes sem nenhum motivo para tal:

Assim, o reconhecimento do alcoolismo como uma periculosidade social é também o reconhecimento dos alcoólatras como indivíduos perniciosos à sociedade, sendo enganosos e perigosos os efeitos da cachaça, urgente era esclarecer a população de quão temerários poderiam ser seus consumidores, visto que a cachaça ameaçava-lhes a saúde física, mental e a moral, de tal forma que tanto poderiam adoecer, quanto ter atitudes violentas, cometendo crimes sem explicação aparente (ROSA, 2003, p. 40).

E prossegue Rosa ainda a este respeito,

A institucionalização do saber médico e as novas políticas de saúde pública, entre outras, foram algumas das condições históricas que possibilitaram a emergência da visão do alcoolismo como um problema social, responsável pelo desvio de caráter dos homens, pela degradação moral, não de todos, mas especialmente, segundo a imprensa da época, dos homens pobres, (...) dos bebedores de cachaça (ROSA, 2003, p. 70).

Ao passo de ser encarado como uma doença o ato de beber, os discursos produzidos ainda na primeira metade do século XX foram voltados para livrar os brasileiros desse problema social. Na segunda metade da década de 1940, Caxias não ficou de fora da luta contra esse problema. Temos o jornal *Cruzeiro* como agente de combate contra o alcoolismo, pois este periódico considerava que os homens caxienses em seu cotidiano viviam no embalo dos goles de aguardente. Desse modo, é evidente nas páginas do jornal o discurso que mostrava os problemas que o álcool ocasionava aos consumidores, como também às suas famílias e à sociedade:

### **Álcool e Alcoolismo**

O álcool etílico é um corpo líquido dificilmente encontrado em estado de liberdade na natureza. É obtido do caldo da cana de açúcar, da beterraba, da uva, da laranja, do abacaxi, do arroz, do milho etc., aparecendo sempre como produto das fermentações de substâncias açucaradas.

Denomina-se alcoolismo o uso reiterado de bebidas alcoólicas, quaisquer que sejam elas, com prejuízos físicos e morais do indivíduo, da família e da sociedade.

O álcool é produto indispensável da indústria, entrando como matéria de vários produtos. É também utilíssimo em vários outros misteres. Todavia, pelos irreparáveis danos que o seu uso imoderado pode causar à saúde, deve ser considerado um dos maiores inimigos do gênero humano. E o pior ainda é que, via de regra, o alcoolismo possui outro vício máximo, o tabagismo.

Nos primórdios da fabricação de bebidas alcoólicas destiladas, as classes mais poderosas bebiam, sobretudo, vinho, ao passo que as menos favorecidas pela fortuna utilizavam-se mais de cerveja, a qual, entretanto, paulatinamente, foi perdendo terreno a favor da aguardente ou ‘pinga’, cujo consumo, hoje em dia, é fabuloso, porquanto o seu custo está mais ao alcance de quaisquer bolsas. (CRUZEIRO, 9 nov 1947, p. 3).

O jornal *Cruzeiro*, como um órgão que pregava a “verdade”, afirmava que os homens da sociedade caxiense deveriam procurar conscientizar-se diante do ato de beber, pois esta não era uma prática que trazia resultados positivos para a sua saúde, como também para o bem-estar de sua família e do país. Além disso, mostrava que o consumo de bebidas alcoólicas causava uma aparência estética nada agradável para o homem, além de causar sérias lesões em importantes órgãos de seu corpo e um desequilíbrio no sistema nervoso, levando-o à loucura. Em consequência, o seu destino seria passar o resto da vida em manicômios ou em prisões, deixando a sua família completamente desamparada:

O uso reiterado de bebidas alcoólicas, além de enfeiar a pessoa, pelo aspecto de balofo da gordura, determina sérias lesões no estômago, do fígado, do coração, dos vasos sanguíneos, dos rins, do sistema nervoso, onde as lesões avançavam a ponto de levar o viciado, muitas vezes, à paralisia e à loucura, terminando seus dias ou entre as grades da cadeia, ou nos manicômios, ou então vitimados em graves acidentes, enquanto a mulher e os filhos permaneceram na mais negra miséria (CRUZEIRO, 9 nov. 1947, p. 3).

Percebemos a preocupação do *Cruzeiro* ao apontar os males presentes na sociedade caxiense, pela ingestão de bebidas alcoólicas pelos homens. O jornal lutava para que a saúde desses homens não fosse prejudicada, visto que, para que Caxias se tornasse uma cidade moderna e desenvolvida, era necessário que seus cidadãos, principalmente os homens, fossem saudáveis. Essa máxima funcionava como uma forma de disciplinar estes sujeitos para que não se perdesse a sua força de trabalho. Seguindo essa máxima, o periódico traz uma nota que apresenta a degeneração que o álcool estava ocasionando no Brasil naquele momento:

### **O álcool um grande fator da degenerescência do povo brasileiro**

Se muitos homens refletissem não se deixariam dominar pelo álcool, que é agente pernicioso aos climas quentes, como destruidor da saúde do nosso povo e o seu enfraquecimento físico, diminuindo em grande escala a nossa produção agrícola e industrial, inclusive as terríveis consequências do depauperamento da raça brasileira, que já sofre notável decadência na sua constituição física e moral.

Não se deve, pois, abusar do álcool, por que o alcoolista inveterado é um ente miserável que a sociedade detesta e a família não pode tolerar. Ele é sempre inclinado a todas as vilezas, todos os infortúnios, no seu desregramento, na sua inconsciência, no seu desbrío inqualificável de ébrio habitual.

A embriaguez é o estado agudo duma intoxicação geral, onde o médico já descobriu sinais evidentes de intensa devastação orgânica que tanto pode ser a cirrose e o delirium íremens.

Evitemos o álcool, para o bem da nossa saúde, para felicidade de nossa família, para ordem da nossa sociedade e grandeza de nossa Pátria (CRUZEIRO, n. 536, 19 jan. 1946, p. 3).

Como vimos, o *Cruzeiro* combatia o álcool não apenas por esta bebida prejudicar a saúde física e mental dos homens, mas por que homens doentes não podiam trabalhar para o desenvolvimento de seu país. O alcoolismo ocasionava o desequilíbrio, abalava a ordem que se buscava estabelecer e impedia a prosperidade do Brasil. Como o texto mesmo apresenta, o consumo excessivo de álcool levava os homens a descerem o degrau da vida social e da moral, impedindo a felicidade de sua família, a ordem da sociedade e a grandeza de sua pátria. O jornal mostra a importância dos homens naquele momento, pois todas as estruturas de funcionamento da sociedade perpassavam pelo homem, como pela própria ideia que se tinha naquele momento de que o homem era o fio condutor para que houvesse o funcionamento da sociedade brasileira.

No ano de 1941, ainda durante o governo Vargas, o *Cruzeiro* já mostrava os males que o álcool acarretava na vida dos homens. O jornal reiterava que a bebida alcoólica prejudicava não somente a saúde dos homens como também levaria à constituição de filhos impossibilitados para o trabalho. Enfim, o noticioso buscava chamar a atenção dos homens caxienses que,

ingerindo bebidas alcoólicas, eles estariam prejudicando seriamente a sua família, a sociedade, sendo um obstáculo ao progresso e a desonra de sua pátria:

**Que é a embriaguez?**

É a desonra da Pátria. O obstáculo ao progresso. A causa máxima de todos os crimes. A mãe da miséria; o aguilhão das enfermidades; o principal agente da loucura, da demência e da inconsciência.

O veiculador da morte e da degradação social.

O que faz desgraçadas as famílias e produz na prole filhos raquíticos, aleijados e idiotas impossibilitados para a vida. O que enche os manicômios de loucos, os hospitais de enfermos, os cárceres de criminosos, o mundo de degenerados e o inferno de condenados (CRUZEIRO, 25 jan. 1941, p. 3).

Podemos perceber, no discurso do *Cruzeiro*, como o álcool era uma preocupação constante tanto naquele presente como para o futuro do país que dependia do bom desempenho do homem, como também da sua saúde, como força de trabalho para levá-lo ao rumo do progresso. Segundo o periódico religioso, não adiantava ter “bons homens” pensando na melhoria do país se não houvesse uma força de trabalho para corresponder aos novos planos e estratégias para o crescimento da nação.

Assim, o jornal aponta o poder maléfico do álcool e os estragos sociais que ele pode acarretar. Alerta que, sob o efeito do álcool, o operário torna-se preguiçoso, irresponsável, chegando até mesmo a abandonar o seu trabalho. O jornal chama a atenção do governo que, se ele tenciona realmente promover a prosperidade da nação, deve combater energicamente as propagandas divulgadoras do alcoolismo:

O álcool é o mais poderoso narcótico do espírito, porque a sua ação pervertedora animaliza o homem e destrói o bom senso.

Diz notável higienista: as estatísticas provam que o alcoolismo é a causa principal dos casos mais numerosos de tuberculose, pneumonias, febres tíficas, varíolas e traumatismos, que se agravam ou foram fatais devido à influência perniciosa do álcool.

Dos criminosos encarcerados – 43% praticam o crime sob a influência imediata do álcool.

Degrada-se a descendência e o vício se manifesta no organismo dos filhos com seus efeitos perniciosos.

Na vida do operário: o álcool é retrocesso, é preguiça, a leviandade, o descuido, o fracasso, a desordem, o abandono de trabalho.

Combater e evitar a propaganda do alcoolismo é dever do governo que deseja a felicidade do seu povo e a grandeza da Nação, por que sem povo forte, sem família organizada, não existe soberania nacional. (CRUZEIRO, 25 jan. 1941, p. 3).

Sob a luz do discurso que buscava a extinção da figura do ébrio, dos homens que eram dependentes do álcool, o *Cruzeiro* apresentava que era necessária uma disciplina e espírito de patriota por parte dos caxienses, pois somente dessa forma o mal do alcoolismo poderia desaparecer do bojo social na cidade de Caxias e do país.

Outro elemento que fica evidente no discurso do jornal é a caracterização do sujeito que se torna um ébrio, um adorador dos líquidos etílicos. O homem é destituído de todos os valores positivos que poderiam ser direcionados a ele, passando a ser tratado no espaço social como um elemento que se configura como um problema, devendo ser recluso a um ambiente em que possa ser disciplinado para assim poder voltar ao espaço social, correspondendo aos anseios que se projetava para ele enquanto homem. Assim, o *Cruzeiro* constrói e apresenta aos caxienses a imagem do homem perfeito: disciplinado, que respeita os preceitos da Igreja e do Estado e que trabalha arduamente, contribuindo para o desenvolvimento de sua pátria. Neste sentido, de acordo com Maria Izilda Santos de Matos, esses tipos de discursos pontuam que,

O alcoólatra perdia a dignidade, como o álcool imbeciliza, à perda do sentimento dos homens, levando-os à bancarrota, à animalização, à perda do sentido ético, à indisciplina, transformando os homens em 'feras', apregoa o homem digno, disciplinado, nacional e reto, adepto da perfeição moral, da cultura, do sentimento ético e da ordem, construtor do progresso pelo trabalho e disciplina (MATOS, 2001, p. 68).

Além do alcoolismo, a prática da jogatina também era combatida pelo Estado no século XX. Aliás, estes dois vícios estavam constantemente associados. Segundo Durval Albuquerque,

O álcool seria irmão gêmeo do jogo, outra epidemia que vinha graçando no mundo urbano e que também é tema de uma intensa campanha de combate, [...] pelo próprio Estado. Os jogos mais visados, além do carteadado, eram o jogo do bicho e o jogo de boxe. Além de estarem quase sempre associados à bebedeira, os jogadores, gerando ‘confusões, bofetadas, cacetadas, freges, terminando com feridos e hospitalizados’ (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003, p. 118).

Desse modo, o alcoolismo não se configura apenas como uma das preocupações do *Cruzeiro*. Outro mal social também é alvo do jornal *Cruzeiro*, o jogo, pelas consequências que esta prática proporciona à sociedade brasileira, em particular à sociedade de Caxias. O jogo é, segundo o periódico religioso, um grave problema social, principalmente à economia do país, pois é visto que a prática do jogo desequilibra a estrutura econômica e ainda a estrutura familiar desses homens.

O discurso do periódico religioso é moralista, tanto no que diz respeito ao alcoolismo como também em relação ao jogo, afirmando ser este último o mal mais voraz para a família do homem caxiense. Isso pela desordem que ocasiona no lar, pois, como bem aponta o periódico religioso, a jogatina retira do lar o sustento familiar e a possibilidade que a família desse homem possa ter um bem estar social. Nesse sentido, o jornal ressalta que o homem, ao deixar de possibilitar boas condições de vida para a sua família, retira a possibilidade que no futuro se tenha na sociedade caxiense a ordem e o respeito à boa moral cristã.

O *Cruzeiro*, nesse sentido, afirma que o jogo é um mal que destrói o país e precisa ser resolvido com urgência, pois, caso contrário, muitos outros males serão gerados caso o problema não seja sanado:

### **O jogo é um vício que estabeleceu quartel-general no Brasil**

O jogo, o flagelo nacional, como bem estigmatizou- o Episcopado de S. Paulo, é um vício que estabeleceu o seu quartel-general no Brasil.

E este criminoso flagelo se alastrou por todo território brasileiro, pela grande liberdade que os poderes públicos facultaram à sua divulgação, tomando-o como fonte de renda pública, verdadeira anomalia na organização econômica duma coletividade trabalhadora,

Um país que baseia seu orçamento não no trabalho honesto, mas nos proventos da jogatina, sob a alta proteção das autoridades, está infamado para sempre.

Não é o jogo fonte de enriquecimento para uma nação, porém caminho largo para miséria e pauperismo das suas populações.

É justo que, nas medidas de reajustamento econômico do novo governo da República, saibam os nossos futuros legisladores resolver com honestidade cívica os problemas sociais e econômicos do Brasil, destruindo este flagelo nacional – o jogo, o vício mais pernicioso ao nosso povo (CRUZEIRO, n. 536, 19 jan. 1946, p. 3).

Por isso, o jogo torna-se um alvo de combate do *Cruzeiro*, pois, segundo o mesmo, desestrutura a ordem e a paz social da nação. Nessa perspectiva, a nível local, imbuído do mesmo espírito de combatente contra esse mal social, que é a jogatina, o padre Arias Cruz, um articulista do jornal *Cruzeiro* de expressiva atuação na cidade de Caxias, no contexto em que estamos analisando, enfatiza seus discursos contra a jogatina.

Em uma das edições do jornal *Cruzeiro*, Arias Cruz dedica uma página inteira para comentar o jogo. Na ocasião, ele manifesta seus comentários sobre muitos males que afetam a ordem da cidade de Caxias. Nessa abordagem, o representante da Igreja Católica em Caxias aponta que um dos males que assombra a sociedade e aos homens, principalmente, é o jogo, pois, após tornar-se uma prática no seu cotidiano, com o passar do tempo, essa prática se torna um vício. Ao passo de ser encarado como uma “lepra da sociedade”, o *Cruzeiro* afirmava que o jogo é:

um mal que, por si mesmo, é a raiz de muitos outros males, independente das circunstâncias que o cercam. Se ao pobre rouba salário do dia, ao rico arrebatava os haveres de muitos anos. E a um e ao outro lança aos abismos da desesperança, talvez mais profundo nas classes mais altas da sociedade [...]

Não é o ambiente particular em que prolifera, não é o estar patente a todos indistintamente, ou restringir-se aos membros verdadeiros ou supostos, de uma associação privada, o que lhe pode modificar a natureza perversora (CRUZEIRO, n. 662, 27 ago. 1949, p. 3).

O jornal é bem enfático quanto aos males que o jogo acarreta aos homens, e isso sem distinção social. Segundo o periódico, o jogo torna-se uma preocupação porque ele se espalha com muita facilidade pela sociedade. Segundo Arias Cruz, no Brasil, o jogo castiga impiedosamente os brasileiros. Ratificando essa máxima, o padre aponta:

Realmente, em qualquer época em qualquer lugar, enquadra-se, entre os deveres elementares do patriotismo, denunciar e vergastar, sem fazer personalidades, a imoralidade da jogatina. Em dias, porém, como os que transcorrem, tornando-se as obrigações domésticas, de mais a mais penosas, e em que todas as nossas energias são chamadas a convergir para a defesa da Pátria, não há palavras bastante significativas e intrépidas para condenar o dinheiro que se dissipa no jogo, a calma de consciência, o equilíbrio da saúde e a própria vida a se sacrificarem em torno da mesa que cega idolatria erigiu em altar, onde a oblata é de todo incompatível com os foros da dignidade humana (CRUZEIRO, n. 451, 16 out. 1943, p. 1).

Segundo o discurso da Igreja Católica, o jogo estava tirando o dinheiro do sustento das famílias para questões que não tinham valor social na vida das pessoas. As famílias estavam sendo privadas do direito de viver uma vida melhor pelo destino que os homens estavam dando ao dinheiro. Nesse ponto, Arias Cruz, em suas considerações, afirma que, o homem viciado pelo jogo com o tempo passa a deixar de levar o dinheiro do sustento da casa para jogar em apostas que não irão trazer a felicidade para ele e muito menos para a sua família:

A jogatina, que tem contribuído para a desgraça de muitos lares, continua a ser empregada com todo o rigor [...] a repressão ao jogo, para que o decreto seja cumprido integralmente e não se deixe vaga para nova implantação do regime da jogatina. No centro da cidade, à noite, em plena Praça Vespasiano Ramos, uma roleta estava ensaiando suas rodadas lentas de verificação dos seus pontos de boa ou má sorte.

É justo que o Sr. Delegado de Polícia tome as necessárias providências para que a hidra da jogatina não levante a cabeça (CRUZEIRO, n. 604, 9 ago. 1947, p. 2).

Conforme os redatores do jornal *Cruzeiro*, o mal da jogatina é propagado, pois invade as práticas do homem e o transforma em dependente, resultando na destruição da ordem familiar e social. O jornal condena os homens que mantêm essa prática, pois o jogo prejudica o equilíbrio social e vai fazer com que se instale uma irregularidade na sociedade caxiense. Além disso, como bem afirma Sena, a jogatina era um vício que, apesar de não afetar diretamente a saúde do homem trabalhador, estava ferindo o seu lado espiritual e fazendo penetrar nos lares das famílias uma contaminação com graves consequências para a mesma (SENA, 2009).

O *Cruzeiro* está sempre ancorado pela máxima de imprensa que apresenta a “verdade” e que seus textos sempre estão apoiados na palavra santificada. Dessa forma, ao compor o seu texto, Arias Cruz busca também seguir a mesma orientação. Neste texto sobre o jogo, o monsenhor incrementa os comentários dos bispos sobre a jogatina, pois, assim, suas considerações estariam respaldas nos dizeres da alta cúpula da Igreja Católica, o que, em sua concepção, ganharia maior credibilidade diante de seus leitores. Desse modo, o Padre Arias Cruz afirma:

Ponderam os srs. bispos: ‘A Jogatina desvaira a vítima, tornando-a capaz de todas as desonestidades’, confessa o próprio Estado, quando proíbe aos seus funcionários da Fazenda frequentarem as casas de tavolagem e os cassinos, e reconhecem-na também Bancos, que igualmente vedam aos seus empregadores a entrada em tais lugares.

Funesta, mais que temível diátese, a do jogo, o qual na hora trágica da morte do Homem-Deus, ali mesmo ao pé do Gólgota, agitava os dados, provocando-lhes o clássico ruído aliciante, sob o olhar desvairado da cobiça.

Os naipes, os dados, a mesa verde (CRUZEIRO, n. 451, 16 out. 1943, p. 1).

A ideia, segundo o *Cruzeiro*, era apresentar para os homens que o jogo não era apenas um mal para eles, mas para toda a sociedade. Como vimos, o jogo era um vício que, segundo Arias Cruz, assolava todos os homens da sociedade, não importava a condição social deles. O homem alicerçado de uma boa renda econômica também era um alvo frágil com sérios riscos de ser contaminado por este “câncer social”. Por isso, o autor do texto do jornal

também chamava a atenção das instituições bancárias para que orientassem os seus trabalhadores, pois eles também estavam à mercê dessa contaminação.

O fumo era outro vício condenado e combatido pelo *Cruzeiro*, já que este vício prejudicava a saúde do homem, diminuindo a sua produtividade no trabalho:

#### **Engano dos que fumam**

Os fumantes costumem alegar que fumam durante o trabalho porque o fumo lhes dá boa disposição e aclara as ideias. Puro engano: o fumo diminui a capacidade de produção, prejudica a memória e tem ação nociva sobre a inteligência.

Torne o trabalho mais suave e produtivo, evitando o fumo durante as ocupações (CRUZEIRO, n. 625, 1 maio. 1948, p. 2).

O *Cruzeiro* combatia os vícios do alcoolismo, jogatina e fumo, objetivando disciplinar os sujeitos conforme os ideais de corpos sadios que estavam em voga na sociedade brasileira na época. Assim, a conotação dada aos vícios era a de uma imagem prejudicial aos homens honestos e também era uma forma de coibir o expressivo aumento de homens que estavam adquirindo os vícios exaltados pela modernidade. Para o jornal, os homens que possuíam esses hábitos estavam contribuindo para o próprio desregramento social e familiar, que estava ganhando espaço ao mesmo tempo em que os valores morais e religiosos estavam em crise.

A masculinidade seria definida, no discurso do periódico religioso, não só pelo que devia ser o comportamento masculino, mas também pelas margens, pelo que era condenável, pelo que não se enquadrava nos parâmetros aceitáveis para os comportamentos masculinos disciplinados (CASTELO BRANCO, 2008, p. 134). Sob o manto da Igreja Católica, o *Cruzeiro* mostrava que não poderiam existir na sociedade caxiense homens que fumassem, bebessem e jogassem, pois eles influenciariam outros homens que não possuíam as mesmas práticas tão prejudiciais à saúde e à produtividade no trabalho, impedindo o

desenvolvimento que se buscava no Brasil durante o governo Dutra e pós Segunda Guerra Mundial.

Os vícios da embriaguês, jogatina e fumo estavam constantemente associados à ociosidade. Os homens que se entregavam ao vício do álcool, principalmente, eram levados às instituições de recuperação em que o remédio era o trabalho. Assim, enquanto estivessem reclusos, eles teriam de produzir. De acordo com Maria Izilda Matos,

Os discursos em questão reiteradamente associavam o alcoolismo ao jogo, fumo, vagabundagem, boemia e mendicância. Todos esses males eram provocados pela ociosidade, que era considerada incompatível com uma ‘sociedade moderna e civilizada’ direcionada para ‘ordem e progresso’. Assim, ao destacar a necessidade de recuperação dos alcoólatras pelo trabalho, tais propostas visavam ao mesmo tempo corrigir o alcoolismo, coibir a vadiagem e a mendicância. Para cumprir tal finalidade, os asilos deveriam ter oficinas de carpintaria, marcenaria, sapataria e alfaiataria, para os homens, e também lavanderias e oficinas de costura, fiação e tecelagem para as mulheres (MATOS, 2005, p. 65).

Percebemos que os discursos do *Cruzeiro*, direcionados, sobretudo, aos homens de Caxias, são tecidos, costurados e elaborados para que haja o disciplinamento desses corpos em relação ao cotidiano deles e em relação às suas atividades laborais para com esta cidade e o seu país. Os discursos do periódico religioso são impregnados de sentidos, de valores, de intenções em relação ao comportamento dos caxienses.

Como ressalta Eni Orlandi, é necessário compreender e pensar a relação da linguagem do discurso com os sujeitos sociais e principalmente desses sujeitos com o mundo em que eles vivem (ORLANDI, 1996). Nesse sentido, o periódico religioso apresentava em suas páginas textos que pudessem orientar os homens caxienses sobre os perigos do mundo moderno e as formas de fugir das contaminações sociais que eram provenientes a partir da expressiva alteração dos espaços sociais, como também das novas formas de viver em sociedade.

Desse modo, quando o *Cruzeiro*, por meio de seu discurso, buscava mostrar aos homens caxienses como o álcool, o jogo e o fumo eram perniciosos para a sua saúde, isto não era apenas um sinal de preocupação em relação ao bem-estar dos homens da cidade, mas pelo fato de que com estas práticas eles não se enquadrariam nos objetivos do Brasil. Tais práticas significavam prejuízos com a manutenção de instituições para recuperá-los e, principalmente, acarretaria em perda da força de trabalho para o almejado desenvolvimento econômico do país, especialmente da cidade de Caxias, na segunda metade da década de 1940.

## Referências

### *Fontes*

- CRUZEIRO, Caxias/MA, 25 jan. 1941.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, n. 451, 16 out. 1943.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, n. 536, 19 jan. 1946.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, n. XXII, 24 jun. 1946.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, n. 536, 19 jan. 1946.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, n. 604, 9 ago. 1947.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, 9 nov. 1947.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, n. 597, 21 jun. 1947.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, n. 594, 31maio. 1947.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, n. 595, 9 jun. 1947.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, n. 609, 12 jul. 1947.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, n. 625, 1maio. 1948.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, 14 jan. 1949.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, n. 662, 27 ago. 1949.
- CRUZEIRO, Caxias/MA, n. 648, 7 abr. 1949.

## **Bibliografia**

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: a invenção do falo - uma história do gênero masculino (Nordeste 1920-1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ANTUNES, José. *Reminiscências do século XX: em outros tempos de Caxias*. Rio de Janeiro: s.n., 2001.

AZZI, Riolando. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II: terceira parte época 1930-1964*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CAES, André Luiz. *Da espiritualidade familiar ao espírito cívico: a família nas estratégias de reestruturação da igreja (1890-1930)*. Campinas, 1995. Dissertação (Mestrado em História) - UNICAMP, Campinas, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Revisão de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

COUTINHO, Milson. *Caxias das aldeias altas: subsídios para sua História*. 2ª ed. São Luís-MA; Caxias-Ma: Prefeitura de Caxias, 2005.

COUTINHO, Milson. *Caxienses ilustres*. Rio de Janeiro: Lithograf, 2002.

FOUCAULT. *Microfísica do Poder*. 25º ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

GALVES, Marcelo Cheche. “Pequena imprensa” o poder político: pensando os jornais locais como objeto e fonte de pesquisa. *Outros Tempos*, v. 1, p. 66-73, 2004.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Higienismo e positivismo no Brasil: unidos e separados nas campanhas sanitárias (1900-1930). *Dialogia*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 21-32, out/2003.

HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções. Europa 1789-1848*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e Memória*. Trad. Irene Ferreira. Campinas: Editora Unicamp, 1924.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. Trad. Heloisa Braz de Oliveira Pietro. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de Emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru: Edusc, 2005.

OLIVEIRA, Iranislon Buriti de. “Fora da higiene não há salvação”: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. *Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó*, v. 4, n. 7, fev./mar. 2003.

ORLANDI, Eni Puccelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PEREIRA, Ana Paula Alves. *As pipiras da fábrica: as mulheres operárias sob o olhar da sociedade caxiense na década de 1950*. Caxias, 2006. Monografia (apresentada ao Departamento de História e Geografia) - Caxias, CESC, 2006.

PESSOA, Jordânia Maria. *Entre a tradição e a modernidade: a belle époque caxiense, práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX*. Imperatriz: Ética, 2009.

REIS, Miriam Ribeiro. *Negros Feitiços! As representações das práticas mágico-religiosas no periódico caxiense Cruzeiro nas décadas de 1930 a 1940*. Caxias, 2009. Monografia (apresentada ao Departamento de História e Geografia) - Caxias, CESC, 2009.

RENNÓ, Cláudia Martins Ribeiro. *Produção de corpos doces: uma análise das práticas de disciplinamento e vigilância na escola*. Sorocaba, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unimep, Sorocaba, 2009.

RIBAS, Ana Cláudia. *A “Boa Imprensa” e a “Sagrada Família”: Sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis, 1929/1959*. Florianópolis, 2009. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2009.

ROSA, Ana Lúcia Gonçalves. *Passos cambaleantes, caminhos tortuosos: beber cachaça, prática social e masculinidade- Recife/PE- 1920-1930*. Recife, 2003. Dissertação (Mestrado em História) - UFC, 2003.

SENA, Laércio Rocha de. *A Ressignificação do Trabalho e a Construção do Trabalhador Disciplinar no Discurso do Semanário Católico Caxiense Cruzeiro (1930 a 1940)*. Caxias, 2009. Monografia (apresentada ao Departamento de História e Geografia) - Caxias, CESC, 2009.

SILVA, Julimar Pereira da. *Representações de comunismo no jornal Cruzeiro de 1937 a 1945 em Caxias/MA*. Caxias, 2009. Monografia (apresentada ao Departamento de História e Geografia) - Caxias, CESC, 2009.

